

SAÚDE E SOFRIMENTO PSÍQUICO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO À LUZ DA TEORIA PSICANALÍTICA DOS QUATRO DISCURSOS

HEALTH AND PSYCHIC SUFFERING IN THE UNIVERSITY CONTEXT IN THE LIGHT OF THE PSYCHOANALYTIC THEORY OF THE FOUR DISCOURSES

Cláudia Henschel de Lima 1

Fabiana Marques Valerio 2

Letícia Casarim de Lima 3

Thamires Kelly de Andrade Barbosa 4

Augusto da Silva Bronzeado 5

Docente Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em 1
Psicologia - UFRJ. Professora Adjunto IV - Departamento de Psicologia da
Universidade Federal Fluminense (Câmpus de Volta Redonda). E-mail:
claudiahlima@yahoo.com.br

Discente do Curso de Graduação em Psicologia. Integrante do 2
Laboratório de Investigação das Psicopatologias Contemporâneas (LaPSICON).
Estagiária no Programa de Psicanálise e Saúde Mental no Serviço de Psicologia
Aplicada - UFF (Câmpus Volta Redonda). E-mail: fabiana.m.valerio@gmail.com

Discente do Curso de Graduação em Psicologia. Integrante do 3
Laboratório de Investigação das Psicopatologias Contemporâneas (LaPSICON).
Estagiária no Programa de Psicanálise e Saúde Mental no Serviço de Psicologia
Aplicada - UFF (Câmpus Volta Redonda). E-mail: lecasarim@hotmail.com

Discente do Curso de Graduação em Psicologia. Integrante do 4
Laboratório de Investigação das Psicopatologias Contemporâneas (LaPSICON).
Estagiária no Programa de Psicanálise e Saúde Mental no Serviço de Psicologia
Aplicada - UFF (Câmpus Volta Redonda). E-mail: thamireskab@gmail.com

Discente do Curso de Graduação em Psicologia. Integrante do Setor 5
de Apoio Acadêmico (SAA) da Universidade Federal Fluminense (Câmpus Volta
Redonda). E-mail: gutobronzeado@gmail.com

Resumo: O problema do sofrimento entre estudantes de universidades brasileiras constitui o tema do presente artigo. Trata-se de uma temática que vem ocupando o debate acadêmico atual, sendo objeto de investigação em pesquisas e artigos nacionais. O sofrimento psíquico estudantil enquanto fenômeno a ser estudado se apresenta de modo mais específico no contexto do quadro de expansão do ensino público superior com a implementação de políticas que tornam o espaço da universidade mais diverso e múltiplo, colocando para a instituição questões novas acerca de seu corpo discente. O artigo se pauta na perspectiva teórica da psicanálise, mais precisamente, na teoria dos quatro discursos, com o objetivo de realizar uma análise sobre a lógica da produção de sofrimento psíquico na Universidade. Utilizar-se-á também as noções de saúde e doença, construídas pelo filósofo Georges Canguilhem para, em articulação com o referencial anterior, traçar reflexões sobre potenciais promotores de saúde no espaço da Universidade.

Palavras-chave: Sofrimento Psíquico. Saúde. Universidade. Psicanálise.

Abstract: The problem of suffering among students of Brazilian universities is the theme of this paper. It is a theme that has been occupying the current academic debate, being object of quest in national research and articles. The student psychic suffering while phenomenon a being studied introduce yourself in the specific context of the expansion of public higher education, with the implementation of the politics that became the University context more various and plural, introducing in institutions new questions about your student body. The paper is based on the theoretical perspective of psychoanalysis and, more precisely, on the theory of the four discourses, with the purpose of showing the logic that acts in the production of psychic suffering in the University. We will also use the notions of health and illness, constructed by the philosopher Georges Canguilhem, in order to articulate with the referential of the four discourses, to draw a reflection on the potential health promoters in the institutional space of the University.

Keywords: Psychic Suffering. Health. University. Psychoanalysis.

Introdução

O problema do sofrimento entre estudantes de universidades brasileiras constitui o tema do presente artigo. Trata-se de uma questão que vem ocupando o debate acadêmico atual, sendo objeto de investigação em pesquisas e artigos nacionais (Neves e Dalgalarrodo, 2007; Xavier, Nunes e Santos 2008; Costa *et al*, 2010; Horta *et al*, 2012; Andrade *et al*, 2016; Girardi e Martins, 2017; Lambert, Moreira e Moura Castro, 2018). Desses estudos destaca-se, em especial, o artigo de Neves e Dalgalarrodo (2007) e de Lambert, Moreira e Moura Castro (2018).

Neves e Dalgalarrodo (2007) localizam no artigo *Sobre problemas de higiene mental*, escrito por Galdino Loreto (1958), a partir da pesquisa com estudantes da Universidade Federal de Pernambuco, o marco dos estudos sobre saúde mental em estudantes universitários. No artigo, Loreto já identificara que 1/3 dos estudantes universitários, acolhidos no Serviço de Higiene Mental da Universidade Federal de Pernambuco, evidenciavam sintomas neuróticos e cerca de 2/3 apresentavam dificuldades de personalidade e reações emocionais inadequadas. Neves e Dalgalarrodo (2007) elencaram, ainda, uma série de estudos epidemiológicos realizados desde o final dos anos de 1990, indicando a prevalência dos seguintes transtornos psíquicos entre estudantes universitários: estresse, distúrbios psicossomáticos, irritabilidade, fadiga e insônia, depressão e risco de suicídio.

O artigo recente de Lambert, Moreira e Moura Castro (2018) sobre o estado da arte sobre adoecimento do estudante universitário brasileiro mostra a trajetória das discussões científicas brasileiras sobre o adoecimento do estudante universitário. E, tal como Neves e Dalgalarrodo (2007), o artigo localiza no trabalho de Loreto, o primeiro estudo sobre sofrimento psíquico no ambiente universitário. Lambert, Moreira e Moura Castro (2018) ressaltam que a partir da década de 2010, verifica-se a ampliação da pesquisa sobre sofrimento psíquico em ambiente universitário no Brasil, formulando a hipótese de que a expansão do ensino superior público a partir de 2007 com a implementação do projeto de Reestruturação e Expansão das Universidades (REUNI) e a ampliação das políticas afirmativas (Lei de Cotas 12.711/2012), interferiram diretamente no aumento da produção de estudos sobre ensino superior e adoecimento estudantil.

O problema do sofrimento psíquico estudantil se apresentou, aos autores do presente artigo, no contexto específico do quadro de expansão do ensino público superior por meio do processo de interiorização ocorrido na Universidade Federal Fluminense, resultando na criação do Campus Aterrado, de Volta Redonda, com o Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) e o Instituto de Ciências Exatas (ICEX). Em 2011, foi aberta a primeira turma do curso de Psicologia e, em 2014, foi inaugurado o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), responsável pelo estágio curricular obrigatório do curso de graduação em Psicologia. Desde 2011, o ICHS foi ampliado em seus setores e foi criado o Setor de Apoio Acadêmico (SAA) alinhado ao quadro de política de inclusão da Universidade. O problema do sofrimento psíquico estudantil surgiu diante dos autores do presente artigo precisamente na conjunção entre dois programas de estágio:

1. O estágio curricular obrigatório do curso de graduação em psicologia e conduzido pelo projeto de Estágio supervisionado em Psicanálise e Saúde Mental no SPA, e cuja supervisora é uma das autoras do presente artigo.
2. O programa de estágio interno ofertado pelo SAA.

O SPA em sua prática de gestão de todos os estágios do curso de graduação em Psicologia possui uma vertente de atuação conhecida como clínica escola. Esta oferece atendimento psicológico gratuito para pessoas que buscam o serviço - espontaneamente, ou por meio de algum tipo de encaminhamento (psiquiatria, equipamentos públicos de saúde mental, escolas, Ministério Público). Os atendimentos são realizados por estagiários, vinculados a projetos de estágios distintos e sob a supervisão de um docente-psicólogo. Desde o ano de 2016, é possível observar a presença da demanda para atendimento entre estudantes do próprio campus (inscritos nos cursos de graduação em: Direito, Ciências Exatas e Engenharia). Atualmente, este serviço tem em seus registros, cento e setenta solicitações de universitários que procuram por atendimento psicológico¹.

1 Dados do registro do Serviço de Psicologia Aplicada- UFF Campus Volta Redonda.

O projeto de estágio em Psicanálise e Saúde Mental, desde o ano de 2017, vem acolhendo estudantes universitários, do Campus Aterrado, de Volta Redonda em situação de sofrimento psíquico. Segundo dados do SAA de 2017, pelo menos quatorze demandas estudantis que apresentavam diagnóstico prévio, entre: transtorno de ansiedade; transtorno do pânico; transtorno esquizotípico – além dos quadros clínicos de: insônia; dificuldade de concentração em tarefas; exaustão; sentimento de solidão e abandono; depressão com risco de suicídio. Desde o mês de maio de 2018, um grupo de estagiários do Serviço de Psicologia Aplicada que integram o projeto de estágio em Psicanálise e Saúde Mental vem se dedicando ao atendimento de estudantes em situação de urgência psíquica e, atualmente, têm-se vinte e nove estudantes sendo acompanhados pelo projeto de estágio citado acima.

O SAA é um órgão administrativo de apoio acadêmico vinculado à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES). O setor atua em consonância com os Institutos de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) e o Instituto de Ciências Exatas (ICEX), no Campus Aterrado, de Volta Redonda. Conforme fora mencionado, sua atuação é pautada em uma perspectiva inclusiva de modo a se responsabilizar pelos trâmites burocráticos referentes às questões de acessibilidade dos alunos portadores de deficiência, e também no agenciamento de tensões e conflitos que possam fragilizar, de qualquer modo, o processo de inclusão dos estudantes universitários durante o processo de formação acadêmica. No entanto, a demanda para tratamento de urgências psíquicas - a partir da procura dos próprios estudantes ou a partir de direcionamento por parte do corpo docente - se apresentou ao SAA.

Atualmente, o setor recebe em sua rotina de trabalho diversas demandas de estudantes, fundamentando-se na aposta de construção de espaços nos quais o sofrimento possa ser dito e escutado. Essas solicitações são acolhidas por uma profissional-técnica em assuntos estudantis e por um estagiário interno do curso de psicologia. No processo de acolhimento, são realizadas entrevistas semiestruturadas e, com base nestas, é realizado um mapeamento da situação para auxiliar os estudantes frente às questões apresentadas nas narrativas dos mesmos. As entrevistas semiestruturadas auxiliam no direcionamento da demanda de urgência apresentada pelos estudantes universitários. Há um trabalho de escuta do sofrimento que possibilita que esta demanda seja direcionada de diferentes modos, nos quais os encaminhamentos para outros setores, ou até mesmo, o compartilhamento de casos, seja preconizado sempre que necessário.

Nas reuniões de supervisão de estágio tem-se debatido como o ensino e a produção de conhecimento científico na Universidade dependem estreitamente de fatores físicos, cognitivos, afetivos e sociais. Isso significa que ensinar e aprender, conduzir em parceria a pesquisa científica é um processo complexo, que envolve o sujeito e as relações estabelecidas no espaço institucional da Universidade. Neste sentido, a supervisão de estágio tem interrogado se o sofrimento psíquico se produz no entrecruzamento entre a história pessoal de cada estudante, o processo de aprendizagem, a instituição universitária (com seu regimento, organograma de funcionamento, estrutura curricular, corpo docente, discente e técnico-administrativo) e as próprias condições políticas que atuam no funcionamento da Universidade. Por essa razão, o artigo se pauta na perspectiva teórica da psicanálise – e, mais precisamente, na teoria dos quatro discursos, elaborada por Jacques Lacan – com o objetivo de analisar a lógica que atua na produção de sofrimento psíquico na Universidade. Utilizar-se-á também as noções de saúde e doença, construídas pelo filósofo Georges Canguilhem para, em articulação com o referencial dos quatro discursos, traçar uma reflexão sobre os potenciais promotores de saúde no espaço institucional da Universidade.

A articulação entre Lacan e Canguilhem, no artigo, é inseparável da defesa de que o processo de aprendizagem inclui a história pessoal e as condições políticas onde se insere a Universidade e a produção de saúde no ambiente universitário supõe considerar, para além do espaço de acolhimento do sofrimento psíquico, o deslocamento, a mudança de posição subjetiva institucional. É a partir da afirmação de um lugar para a história pessoal, que será possível a emergência de novas configurações normativas no espaço da Universidade.

A Universidade Federal Fluminense: alguns aspectos históricos.

A fim de analisar o sofrimento estudantil à luz da teoria dos discursos, e refletir sobre a possibilidade de construir espaços que atuem de forma a promover saúde na Universidade, é

importante que se compreenda o contexto onde o problema do sofrimento psíquico estudantil está particularmente inserido. Uma vez que esta visão torna possível olhar para os atravessamentos que compõem neste meio e conseqüentemente se relacionam aos processos de saúde e adoecimento dos estudantes ali inseridos.

A Universidade Federal Fluminense foi criada por meio da Lei nº 3.848/1960 e sua denominação inicial era Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFERJ). A Lei nº 4.831/1965 oficializa, então, a denominação atual de Universidade Federal Fluminense (UFF). Segundo o Censo de 2013, Niterói possui o maior número de cursos de graduação - são oitenta cursos - sendo que se observa uma distribuição de quarenta e nove cursos de graduação entre as nove regiões que abrigam interiorização. Tomando como referência o Censo de 2013, registra-se uma média de alunos matriculados exposta na tabela 1.

Tabela 1 - Média de alunos matriculados (Ano de referência: 2013)

| Campus | Média de alunos matriculados |
|------------------------|-------------------------------------|
| Niterói | 22.527,5 |
| Volta Redonda | 3.150 |
| Rio das Ostras | 1.372 |
| Macaé | 784,5 |
| Campos dos Goytacazes | 1.518 |
| Santo Antônio de Pádua | 548 |
| Miracema | 60 |
| Itaperuna | 118,5 |
| Angra dos Reis | 261,5 |
| Nova Friburgo | 658 |

Fonte: Henschel de Lima, 2013.

Esses números evidenciam a vocação de interiorização como uma das vertentes de inserção social da Universidade realizando um plano de interiorização que incentiva a elaboração, implementação e execução de atividades do tripé ensino, pesquisa e extensão, objetivando contribuir para o desenvolvimento regional. Esse plano de interiorização defende e estimula a produção de conhecimento referente às problemáticas específicas das regiões onde a Universidade está localizada e ao contexto geral das atividades que a definem como Universidade pública. Obedecendo a este quadro, o plano de interiorização vem obtendo como resultado o desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão alinhados à produção de conhecimento e à interação com as regiões, em áreas como saúde, política, segurança, cultura, ciência, tecnologia e inovação. A tabela 2 apresenta uma síntese desse processo de interiorização a partir do campus de Niterói.

Tabela 2 - Processo de Interiorização da UFF/Número de Cursos de Graduação

| Municípios | Ano de Fundação | Qtde de cursos de graduação em 2013 |
|------------------------|------------------------|--|
| Niterói | 1950 | 80 |
| Volta Redonda | 1960 | 13 |
| Rio das Ostras | 1990 | 07 |
| Macaé | 1990 | 03 |
| Campos dos Goytacazes | 1975 | 09 |
| Santo Antônio de Pádua | 1950 | 06 |
| Miracema | 1990 | 01 |
| Itaperuna | 1990 | 01 |
| Angra dos Reis | 1990 | 02 |

| | | |
|---------------|------|----|
| Nova Friburgo | 2006 | 03 |
|---------------|------|----|

Fonte: Henschel de Lima, 2013.

Os dados apresentados evidenciam a relevância que a UFF assume na sociedade brasileira, em específico na Região Fluminense. No entanto, a despeito da evidência de sua relevância, se observa um aumento da demanda por parte dos estudantes em torno da temática da saúde mental. Muitos estudantes, ao ingressarem no ensino superior, migram para a cidade de Volta Redonda e apresentam dificuldades normais de adaptação ao novo momento de vida, longe das referências psicossociais próprias de seus territórios e experienciam a entrada na Universidade com expectativas que, não raras vezes, se chocam com a lógica de funcionamento do saber universitário.

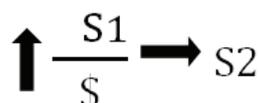
Uma lógica, muitas vezes, funcionalista que tende a suprimir as potencialidade do corpo discente e sufocá-las em uma ideia de formação puramente técnica e produtivista. Esta ideia de formação profissional fornece elementos para que seja possível pensar sobre a cristalização das práticas institucionais e o enrijecimento da lógica de ensino, fatores que poderiam estar vinculados aos processos de adoecimento estudantil. A operação de determinados discursos adotados no interior da instituição produzem espaços hostis na medida em que questionam a motivação e produzem nos sujeitos o sentimento de culpa por não estarem totalmente conformados com aquele dogma (VILLANI E BAROLLI, 2006).

O resultado disso se reflete na urgência psíquica apresentada e elencada anteriormente, como por exemplo, nos sintomas ditos pelos estudantes que buscam ajuda nos serviços oferecidos pela universidade.

Um breve percurso sobre a teoria dos quatro discursos

Ao longo da década de 1950, o psicanalista francês Jacques Lacan propõe a teoria do sujeito a partir da constituição do inconsciente como linguagem, assim definido: um significante é o que representa um sujeito para outro significante. A formalização foi elaborada em *O seminário, Livro 17: O Avesso da Psicanálise* (1969-1970/1992) nos seguintes termos:

Figura 1 - A dedução do sujeito pelo significante



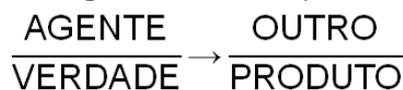
Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970/1992)

Essa formalização ainda que não esteja completa, conforme será observado mais adiante, compõe a fórmula do discurso do mestre. Para Lacan (1969-1970/1992), o S1 é, então, simultaneamente, o que ordena o tesouro dos significantes (S2) e o que possibilita ao sujeito se posicionar em relação a S2, deixando evidente que sua a dedução do sujeito era integralmente dependente da linguagem. Essa concepção obedecia ao estudo freudiano sobre a formação do laço social a partir da defesa contra a satisfação pulsional mais primária, tal como encontra-se desenvolvido em textos como *O Futuro de uma Ilusão* (1927/1982) e *O Mal-estar na Civilização* (1930[1929]/1982). Em particular, em *O Mal-estar na Civilização* (1930[1929]/1982), Freud localiza na relação com outros seres humanos, a principal fonte de sofrimento e especifica a formação do laço social em quatro formas: governar, educar, psicanalisar e fazer desejar. É na base dessas formas especificadas por Freud, que Lacan (1968-1969/2008, 1969-1970/1992, 1970/2003, 1972/1978) erguerá a teoria dos quatro discursos: o Discurso do Mestre, o Discurso Universitário, o Discurso do Analista e o Discurso Histérico. Sobre esse ponto, convém destacar que Safatle (2011) defenderá, a partir da leitura de Canguilhem e Foucault, a ideia de doença e saúde como sendo da ordem discursiva, afirmando ser o conceito de adoecimento algo que não possui uma gramática própria:

“a maneira como a doença fala vai depender da forma com que organizamos culturalmente o que há de ser visto e ouvido que remeta a este conceito” (Safatle, 2011, p.12). Uma posição que nutre, ainda mais, a concepção de que a forma com que os diversos discursos podem ser apropriados está diretamente associada com a produção de saúde e sofrimento. Vale ainda ressaltar que, a teoria dos quatro discursos supõe a consideração de outra variável: o poder. De fato, Lacan (1969-1970/1992) afirma que todo discurso é um discurso de dominação, fundado na palavra que expõe um grande jogo de produtos e verdades. Dessa forma, se o uso da palavra orienta uma relação como meio de se produzir algo a partir dela, então fica evidente um vínculo de poder. Está é uma marcação importante na abordagem do sofrimento estudantil, por permitir considerar as dinâmicas de poder presentes em docentes, técnico-administrativos, em metodologias de ensino e na própria burocracia institucional da universidade.

Os discursos estão compostos por quatro lugares: 1) o *agente* - aquele que fala, seja pela elaboração de uma questão, intervenção, ordem ou até silêncio e que conseqüentemente domina o laço social; 2) a *verdade* - aquilo que sustenta a fala do agente 3) o *outro* - para quem o discurso se destina o responsável por acolher certa demanda e também é aquele que se pretende dominar; 4) *produto* - lugar ocupado por aquilo que é produzido como consequência da submissão ao agente (Lacan, 1992).

Figura 2 - Os lugares na teoria dos quatro discursos



Fonte: Adaptado de Lacan (1969-1970/1992)

Além dos lugares, há ainda os termos. São eles: o significante mestre (S1); o saber (S2); o sujeito (\$); e o objeto causa do desejo (*a*). Os termos se organizam de distintas formas produzindo diferentes discursos, ou seja, diferentes modos de laço social:

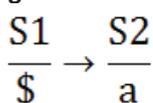
1. Discurso do Mestre;
2. Discurso Universitário;
3. Discurso Histórico;
4. Discurso do Analista.

Uma breve descrição de cada discurso permitirá abordar as relações com o sofrimento estudantil, propostas por este artigo.

O Discurso do Mestre

O discurso do Mestre é o discurso da dominação (Lima, 2013). A fórmula do discurso do mestre posiciona o significante mestre (S1) como o significante central da identificação que fixa o sujeito. No discurso do mestre, o S1 é, então, simultaneamente, o que ordena o tesouro dos significantes (S2) e o que possibilita ao sujeito se posicionar em relação a S2. Quando esse discurso faz laço, isto é, quando outro sujeito se submete a esse discurso, há como produto um objeto causa de desejo que garante o lugar do saber.

Figura 3 - O Discurso do Mestre



Fonte: Lacan (1969-1970/1992)

É usufruindo desse discurso que a defesa autoritária de um conhecimento soberano, muitas vezes até descolado de sentido, se sustenta dentro da Universidade e determina a maneira como as coisas devem se ordenar. Entretanto, o lugar da verdade nesse discurso esconde um sujeito dividido, isto é, aquele que questiona a incompletude de seus conhecimentos. É por isso que, conforme colocado por Villani e Barolli (2006) quando um professor se dirige aos seus alunos procurando

esclarecer que tudo funciona como ele ordena, o próprio também ao dissimular sua insegurança, falará como aquele que pressupõe que é a sua lei que garante a eficácia daquilo que seu discurso demanda, uma vez que não presta conta a ninguém. Mesmo tendo em vista a rigidez de tal postura, que se mostra esmagadora do lugar do aluno enquanto sujeito, já que este acaba sustentando um vínculo no qual cabe apenas trabalhar para seu professor e legitimar seu lugar de supremacia. É importante, inclusive, considerar que o trabalho do aluno é colocado como algo que lhe trará uma satisfação garantida devido à tamanha eficácia de seu produto (Villani e Barolli, 2006). Ou seja, o professor coloca-se como aquele que valida o conhecimento do estudante e, apesar do lugar subordinado a recompensa é garantida, aliás, somente nessa condição - isto é, quando o sujeito obtém alguma satisfação em ter aquele conhecimento - é que ele terá oportunidade de aprender.

O Discurso Universitário

Essa estrutura discursiva escreve a forma como o saber se comporta quando ocupa o lugar de agente e Lacan (1969-1970/1992) o formaliza nos seguintes termos:

Figura 4 - O Discurso Universitário

$$\frac{S2}{S1} \rightarrow \frac{a}{\$}$$

Fonte: Lacan (1969-1970/1992).

O saber se converte em ordem, sustentado em um significante mestre que, ocupando o lugar da verdade, se reduz a um dogma. Ao mesmo tempo, o saber se dirige ao outro para constituir o sujeito. A educação, regida pelo discurso universitário, é definida como a aplicação de um saber universal cuja verdade recalcada² é a lei. Ou seja, ela se sustenta em algo com teor de uma verdade incontestável enquanto cabe ao outro, o estatuto de ser objeto. Ainda que no discurso universitário, verifica-se a produção do sujeito, Lacan (1969-1970/1992) deixa bem claro o estatuto do sujeito nesse discurso: ele é *a*-studado. Assim, diferente do discurso do mestre que engendra um lugar de verdade sem precisar prestar conta a ninguém, o discurso universitário engendra um saber dissociado da verdade e que constitui o sujeito dividido e alienado. Um estudante, orientado pelo discurso universitário, constituir-se-á como alguém que anseia pelo conhecimento científico, mas ao mesmo tempo se sente sempre excluído, pois, percebe a impossibilidade de alcançar o saber que lhe é demandado (Villani e Barolli, 2006).

O Discurso Histérico.

Essa estrutura discursiva esclarece a presença da insatisfação, uma vez que o sujeito ocupa o lugar de agente e questionará o lugar do outro, ocupado pelo significante mestre. Isso significa que no discurso histérico, o sujeito interroga o saber encarnado como absoluto, produzindo furo e conseqüentemente, impulsionando a construção de um novo saber para além daquele que possuía.

Figura 5 - O Discurso Histérico

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S1}{S2}$$

Fonte: Lacan (1969-1970/1992).

Esse discurso provoca o outro a trabalhar seus dogmas incontestáveis, e tendo por sua vez a insatisfação como verdade recalcada, o que resulta é uma amarração contínua da busca por novos conhecimentos (Lima, 2013). É esse o discurso que converte o outro em desejante, e que permite começar a dar lugar à aspectos fundamentais da constituição do sujeito. Diferente dos

² O conceito de recalçamento na psicanálise se refere a um mecanismo do inconsciente que repressõe, mas não elimina emoções, pulsões e afetos considerados repugnantes para um determinado sujeito.

discursos do mestre e universitário, em que o saber em jogo – seja o conhecimento científico, ou o conhecimento didático-pedagógico – não aparece como algo que o discurso pretende produzir diretamente (Villani e Barolli, 2006), o discurso histórico permite que o agente demande ao outro algo que seja da produção dele, uma metodologia ativa, por exemplo, em que permita dar lugar ao estudante reconhecendo que este possui um lugar de saber e autonomia incentivando para que produza algo para além de seus conhecimentos prévios, que até então lhe bastava.

O estudante que aceita esse vínculo poderá produzir um saber relacionado ao seu entendimento científico e dessa forma o docente se posiciona em um lugar de quem ensina a partir de suas próprias questões, sua própria divisão, possibilitando a esse aluno sentir prazer, mesmo em perceber a incompletude de seu conhecimento, produzindo saber a partir das questões sustentadas.

O Discurso do Analista

No discurso do analista, o agente, representado pelo objeto causa do desejo convoca o outro para que este encontre sua autonomia, ou seja, seu desejo.

Figura 6 - O Discurso do Analista

$$\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\$}{S1}$$

Fonte: Lacan (1969-1970/1992).

Conforme explorado por Villani e Barolli (2006), para tal discurso poder operar o agente deve recalcar seu saber, colocando-se como puro suporte do movimento do outro. Nesta forma de consolidar um laço social, usada em raras ocasiões nas instituições de ensino, temos um educador que trabalha arduamente em prol de criar condições para que o sujeito caminhe em busca de sua autonomia, ou seja, o agente é sustentado por uma espécie de saber sobre si mesmo (Fink, 1998 *apud* Villani e Barolli, 2006). Adotar esse discurso presume deixar de lado o controle do professor sobre a aprendizagem atuando somente como assessor deste aluno.

Este é o discurso principal que diz respeito a fazer furo na ordem vigente, questionando a dita ordem normativa e promovendo por sua vez espaços em que o sujeito opere mesmo que não-todo³. Temos aqui o enfrentamento à ideia adaptativa do sujeito, ideia esta que pode ser compreendida como potencialmente adoecedora: “um organismo adaptado e fixo é doente por não ter margem que lhe permita suportar as mudanças e infidelidades do meio” (Safatle, 2011, p.24).

Nota-se então que os diferentes discursos esclarecem estatutos distintos do funcionamento subjetivo na dependência da relação com o saber. O que constitui uma chave interpretativa de fundamental relevância, tanto para o entendimento da lógica que atua na produção de sofrimento psíquico na Universidade, como para o estabelecimento de outros laços possíveis entre o estudante e a universidade. Trata-se de uma dinâmica em que, a partir do que se quer produzir adota-se uma postura discursiva estratégica específica, sabendo que este discurso não só poderá se alterar sempre que necessário, como deverá se alterar quando algo assim demandar. Portanto, sustenta-se que a estratégia em pauta deve ser a de promoção de condições que permitam estas passagens de discurso, que promovam ambientes efetivamente de cuidado no interior da Universidade.

Atravessamentos do Discurso Capitalista

No quadro da teoria dos discursos, há outro discurso elaborado posteriormente em *Du discours psychanalytique* (Lacan, 1972/1978), que trata de uma modificação do discurso do mestre para esclarecer o funcionamento da civilização atual: o discurso capitalista. Lacan (1972/1978) o define como resultante de uma mutação capital na fração esquerda do discurso do mestre, uma

³ Tem-se, aqui, a defesa da ideia de incompletude do sujeito da psicanálise, também nomeado de sujeito faltoso. A falta é marca importante da constituição do sujeito para a psicanálise, uma vez que é por algo lhe faltar que o mesmo se implica na relação com o outro e na cultura de sua época.

inversão nos termos dessa fração deslocando o sujeito para o lugar do significante central da identificação. Essa inversão define o sentido da ruptura histórica do capitalismo e demonstra o estatuto do sujeito no discurso capitalista: é o sujeito livre da determinação de uma identificação central. E indica, também, uma modificação na relação com o saber (S2): se, no discurso do mestre, o sujeito trabalhava e detinha o saber sobre o que produzia hoje, o saber não mais o pertence já que no capitalismo o saber se converte em mercadoria.

Tal elaboração lacaniana do discurso capitalista toma como referência o conceito marxista de mais-valia; isto se evidencia quando Lacan (1972/1978) sustenta ser o capitalista aquele que atua como o novo mestre e o trabalhador como escravo. Nessa relação nota-se a alienação do trabalhador com relação ao seu produto e a razão pela qual trabalha, pois o proletariado torna-se material humano produtor da sociedade e é impulsionado pela regra de trabalhar mais para produzir mais. Entretanto, como os produtos não possuem estatuto de completude, deve-se continuar a produção, se valendo da produção pela produção:

O mestre antigo não queria saber, era o escravo quem sabia fazer. O mestre moderno se apropria do saber do escravo, expropria o gozo do escravo e o transforma em lucro. O escravo fica privado do usufruto do seu trabalho e do saber sobre o conjunto da produção (Lima, 2013, p.483).

Dito isso, o discurso capitalista assumira para Lacan a seguinte escrita:

Figura 7 - O Discurso Capitalista

$$\frac{\$}{S1} \rightarrow \frac{S2}{a}$$

Fonte: Lacan (1972/1978)

No que diz respeito às reflexões acerca do sofrimento do estudante universitário enquanto fenômeno produzido no interior do discurso capitalista coloca-se em pauta aspectos fundamentais que engendram a universidade enquanto lugar e função, uma vez que responde ao papel de manutenção da ordem vigente: produzir mão de obra para o mercado de trabalho e contribuir com o capital.

Neste ponto, é possível identificar a forte presença do espírito neoliberal na educação, uma vez que a universidade, ao assumir tal papel, atua segundo uma lógica que imprime na experiência acadêmica marcas burocráticas e produtivistas. Tais marcas estão centradas em torno do empuxo a trabalhar mais para produzir mais saber, e na fixação do sujeito no campo da alienação. Logo, o espaço para a vida na universidade parece se encontrar subjugado a uma série de demandas e trâmites em relação a qual o estudante experiencia uma externalidade subjetiva, manifestada pelo desamparo diante da rotina de funcionamento do sistema universitário.

Ao elaborar estas reflexões acerca dos discursos de Lacan é possível pensar no neoliberalismo enquanto um sistema de dominação sobre os corpos que não somente impõe metas, como produz o desejo incansável de esforço para que estas sejam cumpridas.

Sofrimento estudantil: doença, saúde e normatividade.

Nota-se então que, para pensar a questão sobre o adoecimento do estudante universitário, é fundamental considerar que este se encontra atravessado pela lógica contemporânea que produz e, ao mesmo tempo, silencia o lugar do sofrimento. Entretanto é da ordem do impossível descamar este sofrer com o objetivo de atingir uma unidade fundamental que explique a razão deste fenômeno.

Na medida em que as condições de produção do sofrimento psíquico são também de ordem social, pode-se considerar que este é um fenômeno múltiplo e complexo, e que poderia ser analisado sobre diversas perspectivas a partir de diferentes hipóteses: pela via exclusiva da instituição escolar e seu potencial produtor de sofrimentos; pela via da história pessoal do sujeito e das transformações implicadas na escolha pelo ensino superior, pela via da patologia individual

que poderia gerar determinadas respostas às exigências desta fase da vida. Aqui, no entanto, a aposta será pensar o sofrimento do estudante universitário enquanto fenômeno referenciado a determinadas fixações rígidas em posições discursivas dentro do ambiente da universidade.

Sendo este ambiente, regido por um discurso que é transversal aos modos como nos vinculamos com as instituições, com outras pessoas, com objetos: o discurso capitalista. Considerando, então, que o discurso é uma forma de laço social, e que o mesmo envolve a produção de algo, o papel que a universidade ocupa estaria também neste mecanismo: o de ser um meio para alcançar os ideais de felicidade e sucesso presentes no cerne das relações contemporâneas, como aponta Passone (2013, p.420): “a partir da inscrição do discurso do capitalismo, a Educação surge reinscrita como discurso concreto de novas oportunidades, individuais e sociais, de possibilidades de um gozo melhor no futuro, como produção de “material humano” para a sociedade capitalista”.

Este modo de constituir laço tende à desumanização das relações e à imposição de lógicas adaptativas, visto que para existir no espaço da universidade seria necessário então, adaptar-se a ela. O adoecimento dos estudantes é compreendido neste modelo como uma disfunção, algo que se localiza na lógica de um sujeito incapaz de responder às demandas impostas pelo processo de cursar o ensino superior.

As estratégias de enfrentamento do sofrimento psíquico se pautam muitas vezes em ações também de cunho adaptativo, curativo ou ainda aquelas conhecidas como de desconpressão. As ações adaptativas estão ancoradas na ideia da flexibilidade, de que é possível encontrar meios para cumprir as obrigações sem que isso custe todo o tempo e saúde do estudante. De ações curativas chamamos aquelas voltadas para reestabelecer o estado de saúde anterior, como o recurso indiscriminado à medicação, por exemplo. E sobre as ações de desconpressão, podemos dizer sobre aquelas organizadas pelas instituições como resposta aos fenômenos observados: salas de jogos, quartos para reflexão, e outras que seguem o objetivo de aliviar as pressões do ambiente.

Ao descrever esses exemplos pretende-se situar e explorar um contexto de reflexão no qual se observa que estas tentativas de superação ou eliminação do sofrimento, dizem primeiramente sobre o lugar que o sofrimento ocupa dentro do espaço da universidade, um lugar que denuncia sua externalidade. Considerando, então, que há nessas estratégias um mesmo fundo: o de eliminar o sofrimento e de não implicar a universidade nesta relação. Mais uma vez, a rigidez se coloca na cena, a universidade centrada em um discurso que de diferentes formas afirma que: “é deste modo e funciona desta maneira”, restando ao estudante a certeza de que nada mais pode ser feito a respeito disso, além de buscar modos de suplantar suas questões. Por outro lado, identifica-se na amplitude da frequência do sofrimento psíquico na Universidade, o caráter inócuo das tentativas de supressão por meio da ignorância com relação a sua existência. Neste sentido, é possível dizer sobre uma norma operante em que a doença ocupa o lugar de inadequação, de algo que está fora da normalidade.

Um estudante em sofrimento psíquico, segundo a lógica que equaciona doença e anormalidade seria considerado um corpo doente. Logo, a saúde estaria chancelada como um estado esperado, aquilo que opera dentro da curva de normalidade. Curar seria então, restaurar um estado de saúde perdido. De acordo com Safatle (2011, p. 12) este seria o saber dominante a respeito de saúde e doença: “afinal, estamos acostumados a pensar que a configuração do nosso saber sobre a doença é resultado direto da eficácia em combater o sofrimento e em reinstaurar a saúde”.

Essas considerações colocam um problema importante acerca do destino assumido pelo sofrimento psíquico na contemporaneidade: considerar o sofrimento como algo a ser combatido, seria esta a única normativa possível?

A retomada da obra clássica de Georges Canguilhem (2009), intitulada *O Normal e o Patológico*, fornece outra chave de leitura para o problema. Tomando como base a referência a Biologia, o autor irá propor que a normatividade não estaria associada simplesmente à capacidade de adaptação a um meio, e sim, seria a capacidade própria do organismo de instaurar novas normas:

Cada um de nós fixa suas normas ao escolher seus modelos de exercício. A norma do corredor de fundo não é a mesma do sprinter. Cada um de nós muda suas próprias normas, em função da idade e de suas normas anteriores. A norma do

antigo sprinter não é mais sua norma de campeão. É normal, isto é, conforme a lei biológica do envelhecimento, que a redução progressista das margens de segurança acarrete a diminuição dos níveis de resistência às agressões do meio. As normas de um velho seriam consideradas como deficiências do mesmo homem quando adulto. Esse reconhecimento da relatividade individual e cronológica das normas não representa um ceticismo diante da multiplicidade, e sim, tolerância diante da variedade. No Ensaio de 1943, chamamos de normatividade a capacidade biológica de questionar as normas usuais por ocasião de situações críticas, e propusemos medir a saúde pela gravidade das crises orgânicas superadas pela instauração de uma nova ordem fisiológica (Canguilhem, 2009, p. 232).

Esta capacidade de criação associa-se com a noção do que é saúde, “o que caracteriza a saúde é a possibilidade de ultrapassar a norma que define o normal momentâneo, a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instituir novas normas em situações novas” (Canguilhem, 2009, p. 77). Saúde e doença, ganham a partir desta perspectiva novas configurações, nas quais é possível pensar o adoecimento para além de uma relação desfuncional/adaptativa entre o sujeito e seu meio. Retomando o argumento de Safatle (2011), o adoecimento estaria relacionado então, a um endurecimento de determinada forma de vida e a saúde a possibilidade de criar e gerar novos movimentos, “um organismo completamente adaptado e fixo é doente por não ter uma margem que lhe permita suportar as mudanças e infidelidades do meio. A doença aparece assim como fidelidade a uma norma única” (Safatle, 2011, p. 24).

Ainda de acordo com o autor, a saúde seria o estado em que o organismo exerce sua capacidade de mudança, de alteração das normas. O normal de um organismo é exercer a mudança de norma.

O referencial de Canguilhem (2009) permite, então, uma releitura da noção de adoecimento estudantil na universidade a partir de uma perspectiva relacionada à intolerância ou incapacidade que os processos institucionais apresentam de serem minimamente movimentados, de possibilitarem a um giro discursivo. Em conjunção a esta fixação do papel da universidade, observa-se sujeitos que se conectam fortemente com as demandas de felicidade e sucesso, aderidas rigidamente ao ambiente universitário. O sofrimento advém, portanto, da impossibilidade de que novas normativas sejam instauradas no espaço acadêmico.

Apostando que essa rigidez seria promotora de sofrimentos na universidade, acreditamos na construção de novas reflexões acerca da movimentação de determinados papéis dentro do espaço acadêmico, para permitir maior versatilidade nos discursos ali estabelecidos, o que poderia por sua vez propiciar a criação de um lugar de zelo e saúde em prol do universitário.

SPA, SAA e o giro do discurso: uma estratégia de promoção de saúde

A retomada dos conceitos freudianos para o entendimento dos fenômenos clínicos da psicose, tal como fora estabelecida por Jacques Lacan a partir dos anos de 1930, possibilitou a formulação de uma ideia sobre a instituição e seus impactos na constituição do sujeito. Há um posicionamento fundamental da instituição no laço social que não exclusivamente se assemelha ao lugar do analista, pois em se tratando de coletivo, os vínculos podem acontecer de diferentes formas ao se adotar práticas discursivas distintas. Ao analista, caberia menos o lugar discursivo e mais o lugar de ato, defendido por Viganó (2006, p.27) como *ato analítico político*: ato que modifica as condições da massa; e político porque se instaura modificando as possibilidades de discurso e permitindo que a narrativa gire.

É considerando esta proposta do autor e na brecha desta possibilidade que o presente artigo nomeará o *giro do discurso*, entendendo que há neste gesto abertura para a promoção de saúde nos vínculos sociais instaurados nos espaços educacionais. Conforme já fora mencionado, a problemática do sofrimento na universidade encontra-se submetida aos atravessamentos do discurso capitalista, e com isso, tem-se a fixação em uma determinada forma de fazer laço social

que se apresenta de uma forma rígida, e, portanto, adoecedora.

Na conjunção com a noção de saúde apresentada por Canguilhem (2009) e trabalhada ao longo das discussões propostas por Safatle (2011) entende-se que a produção de novas normativas enquanto movimento de saúde dentro da universidade, é possível quando o sujeito que se encontra em sofrimento enxerga a possibilidade de transitar pelos discursos - e aqui o discurso de Lacan, o discurso enquanto modo de laço social. Acredita-se que este movimento possibilitará a produção de diferentes produtos e assim a pulsão encontrará outros destinos possíveis que não seja o retorno ao próprio sujeito como forma de adoecimento psíquico.

O ato político analítico vem, assim, enganchado no paradigma hermenêutico e pode ser qualquer ato que instaure (institua) o sujeito da palavra [...] o ato analítico produz uma passagem de discurso, isto é, um corte no interior da linguagem, de qualquer linguagem, que assim se transforma de artificial em natural. [...]. Não temos mais que pensar que uma instituição seja analítica, mas pensar numa política que se dispõe a restaurar o Outro da palavra, de remetê-lo na tramitação de uma obra que implica o sintoma social ao nível do Outro que se propõe como a completude do saber sobre o gozo (Viganò, 2006, p.39).

Ao analisarmos o modo de funcionamento dos serviços SAA e SPA, por exemplo, é possível observar que ambos se estruturam em torno de práticas que se pautam na possibilidade de fornecer um tecido que sustente os estudantes em situação de sofrimento.

O Serviço de Apoio Acadêmico (SAA), por exemplo, desenvolve um projeto de tutoria acadêmica que consiste em receber as demandas dos estudantes e atuar a partir de uma perspectiva integrada, deste modo, são realizados mapeamentos de indicadores acadêmicos como: índice de reprovação, de trancamentos de disciplina ou de curso, e análise sobre a integralização do currículo. A partir destas informações em conjunto com elementos colhidos nas entrevistas, é possível traçar um possível diagnóstico da situação em que se encontra cada estudante, isso ajuda a localizar as dificuldades de adaptação à rotina universitária e com isso estabelecer um diagnóstico mais preciso dessas demandas no que se refere à distinção entre dificuldades de adaptação à rotina universitária e urgências psíquicas. Alguns casos, em função de suas especificidades são encaminhados para o SPA e, assim, o estudante passa a frequentar as sessões semanais de psicoterapia como parte do direcionamento proposto.

O Serviço de Psicologia Aplicada, por sua vez, funciona de modo a receber os estudantes que procuram por atendimento psicológico. A escuta do sofrimento passa a acontecer então, na clínica-escola e a partir do trabalho realizado são elaboradas as questões referentes às demandas psíquicas daquele sujeito. O espaço de fala e escuta estabelecido no atendimento, muitas vezes abre caminhos para que o estudante encontre possibilidades onde antes só existiam dúvidas e vazios, e nisto, uma narrativa para sustentar este sofrimento é ali construída. Determinadas situações atendidas no SPA apresentam também exigências de ordem acadêmica, que, uma vez identificadas são encaminhadas ao SAA.

Este modelo de atuação, por vezes particular em cada serviço, por vezes conjunto, tem demonstrado em sua prática que muitas ações tomadas pelos próprios alunos a partir do trabalho realizado por estes setores furam o discurso hegemônico posto e permitem de algum modo o giro na posição discursiva. Ao se sentirem mais fortalecidos no próprio trato com seu sofrimento, estes buscam meios de enfrentar suas dificuldades em relação ao espaço universitário. Enquanto ato político, é possível dizer que estes serviços realizam aquilo que Viganò (2006, p. 38) considera como “política que restaura o sujeito da palavra”.

Considerações Finais

A partir da discussão explorada acerca da temática sobre o sofrimento estudantil entende-se que uma das formas de olhar esta questão é a partir de possíveis laços sociais adoecedores que se constituem no interior da universidade, sendo esses lidos como frutos de uma determinada

prática discursiva fiel ao modelo capitalista que coloca o estudante não só em um lugar de objeto, mas como objeto que deve produzir e se moldar às exigências da universidade, estas por sua vez, subordinadas às do mercado.

As práticas enrijecidas e as posições fixas que a universidade assume ao lidar com o sofrimento discente, muitas vezes coloca o estudante numa via de saída pela adaptação, ou seja, o sujeito que sofre nota que algo de si não se encaixa as demandas universitárias, e, portanto, sente-se impelido a solucionar este problema a partir de ferramentas individualizantes.

Diante disso, o que seria possível estabelecer enquanto prática de promoção de saúde no ambiente universitário?

A proposta discutida ao longo deste artigo, aposta que é preciso tensionar as formas de estabelecer laços sociais produzidos atualmente no espaço da universidade, e convocar assim, a uma mudança de posição, ou seja, produzir aquilo que chamamos de giro no discurso. No entanto, para que isso seja possível é necessário tecer uma rede capaz de sustentar o sofrimento por meio da palavra, é preciso que existam espaços onde o estudante encontre lugar para si, e que neste possa dizer sobre aquilo que o faz sofrer, sem que isso seja negligenciado ou negado.

Neste sentido, entendemos que o trabalho realizado pelo SPA e o SAA, tanto em suas esferas particulares de atuação, quanto no exercício articulado entre os serviços quando a demanda assim exige, tem por princípio primeiramente a não negação do sofrimento, e em seguida a instauração de um espaço que possa promover a acolhida e escuta do mesmo, ou seja, envolve sustentar um lugar para a palavra.

São então, experiências que permitem situar o sofrimento na história do sujeito, e trazer para o campo da linguagem aquilo que antes não encontrava lugar para se ancorar. *É, ainda*, no exercício ético de construção de uma narrativa possível para o adoecimento estudantil que pautamos os esforços de realizar junto aos que buscam estes serviços, um trabalho que vise à movimentação de lugares enrijecidos no espaço da universidade.

Referências

ANDRADE, Antonio dos Santos et al. Academic Experiences and Psychological Suffering among Psychology Students. **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, v.36, n.4 p.831-846, Dezembro. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000400831&lng=en&nrm=iso> Acesso em 20 abr. 2019.

COSTA, Edméa Fontes de Oliva et al. Common mental disorders among medical students at Universidade Federal de Sergipe: a cross-sectional study. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 11-19, Mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462010000100005&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 27 abr. 2019.

GIRADI, Juliana de Freitas; MARTINS BORGES, Lucienne. Dimensões do sofrimento psíquico em estudantes universitários. **Psico**, 48(4), p. 256-263. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br>> Acesso em: 27 abr. 2019.

HENSCHER DE LIMA, Cláudia. **Projeto de Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia** (Precedendo o APCN). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013.

HORTA, Rogerio Lessa; HORTA, Bernardo Lessa; HORTA, Cristina Lessa. **Uso de drogas e sofrimento psíquico numa universidade do Sul do Brasil**. Psicologia em Revista (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 18, n.2, p.264-276, Ago. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2012v18n2p264>> Acesso em 27 abr. 2019.

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 16: De um Outro ao outro** (1968-1969), Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 17: O Averso da Psicanálise** (1969-1970), Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1992.

LACAN, Jacques. "Radiofonia" (1970). In: ———. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 2003, p. 400-447.

LACAN, Jacques. "Du discours psychanalytique" (1972), **Lacan in Itália, La Salamandra**, Milão: 1978 pp. 32-55.

LAMBERT, Aline dos Santos; MOREIRA, Larici Keli Rocha; MOURA CASTRO, Regina Celi Alvarenga. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, Pomal – PB, v. 8, n.2, p. 31-36, abr-jun. 2018. Disponível em: <<https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/5987>> Acesso em 27 abr. 2019.

LIMA, Nádia Laguárdia de. As incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozo contemporâneos. **Rev. Mal-Estar Subj**, Fortaleza, v. 13, n. 3-4, p. 461-498, dez. 2013. Disponibilidade em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000200002&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 27 abr. 2019.

NEVES, Marly Coelho Carvalho; DALGALARRONDO, Paulo. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 56, n.4, p. 237-244, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852007000400001&lng=en&nrm=iso> Acesso em 27 abr. 2019.

PASSONE, Eric Ferdinando Kanai. Psicanálise e Educação: o discurso capitalista no campo educacional. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 15, n. 3, p. 407-424, dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1263>>. Acesso em 28 de abr. 2019.

SAFATLE, Vladimir. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. **Sci. Stud.**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 11-27, 2011. Disponibilidade em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662011000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 abr. 2019.

SIGMUND, Freud. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SIGMUND, Freud. **O futuro de uma ilusão**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

VIGANÓ, Carlo. Da instituição ao discurso. **Mental**, Barbacena, v. 4, n. 6, p. 33-40, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 28 abr. 2019.

VILLANI, Alberto; BAROLLI, Elisabeth. Os discursos do professor e o ensino de Ciências. **Proposições**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 155-175, fev. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643662>>. Acesso em 28 abr.2019.

XAVIER, A.; NUNES, A. I. B. L.; SANTOS, M. S. **Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do sujeito na Universidade**. **Rev. Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, n. 2, v. 8 p. 94-118, jun. 2008. Disponibilidade em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000200008> Acesso em 28 abr. 2019.

Recebido em 30 de abril de 2019.

Aceito em 4 de junho de 2019.